

Desigualdades alimentares internacionais



Thiago Lima



Julia Rensi

Nos últimos anos, tem sido comum ouvirmos a denúncia de que a fome está aumentando no mundo ou que a insegurança alimentar global está se agravando. Mas, onde no mundo a fome está aumentando? Em que parte do globo a insegurança alimentar se recrudescer? Estas perguntas são relevantes porque muitas vezes os termos ‘mundo’ e ‘global’, se empregados sem qualificações, diluem as especificidades e, como em um exercício de média, podem fazer perder de vista importantes singularidades. Por isso, ao invés de pensarmos em fome global ou mundial, pode ser mais frutífero trabalharmos com a distribuição internacional da fome. O termo internacional evoca, naturalmente, uma perspectiva de diferentes nações, povos e países.

O que acontece, então, quando olhamos para os dados da insegurança alimentar em perspectiva internacional? Se considerarmos a série histórica disponível para esse índice, que vai de 2015 a 2022 e que está publicada no relatório anual da FAO “The State of Food Security and Nutrition in the World”, de 2023, notamos que a insegurança alimentar moderada e grave cresceu em todas as regiões, com exceção daquela denominada América do Norte e Europa (Ver figura). A estatística para o conjunto das nações mostra que a insegurança alimentar moderada e severa subiu de 21,7%, em 2015, para 29,6% em 2022. A maior carestia foi observada na África, saltando de 45,4% para ultrajantes 60,9% no mesmo período. Na região da Europa e América do Norte (que exclui o México), em contraste, houve diminuição de 9,3% para 8%, no espaço de oito anos, ainda que com um leve aumento nos últimos três. Já a região da América Latina e Caribe teve um aumento de mais de 10 pontos percentuais, portanto, acima da média global, crescendo de 27,3% para 37,5%, com oscilações relevantes. Na Ásia, região econômica mais dinâmica do mundo, a elevação foi de 17,7% para 24,2%, mesmo com o extraordinário avanço da China.

O que o relatório nos mostra em dados estatísticos não é algo exatamente novo. Afinal, diferentes perspectivas teóricas sobre o desenvolvimento das relações agroalimentares internacionais ao longo da História concordam que a superação da fome nos países desenvolvidos decorreu, em grande medida, das relações de poder estabelecidas inicialmente com os processos de colonização e, posteriormente, com a configuração de diferentes ordens internacionais (ver McMichael, 2017)¹. Obviamente,

Palavras-chave: insegurança alimentar; desigualdades alimentares; urbanização.

1. MCMICHAEL, Philip. Regimes alimentares e questões agrárias. Editora Unesp; Editora UFRGS, 2017.

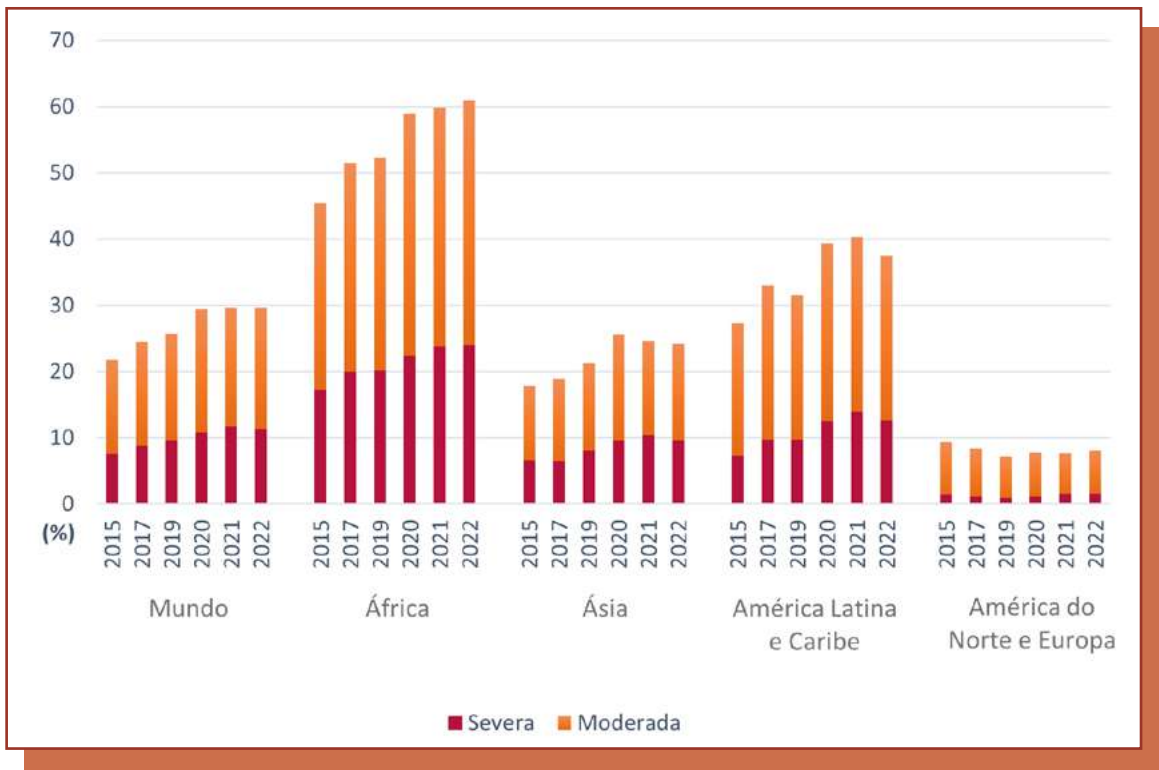


Gráfico 1. Desigualdades alimentares regionais. Fonte: elaboração própria com base em FAO (2023).

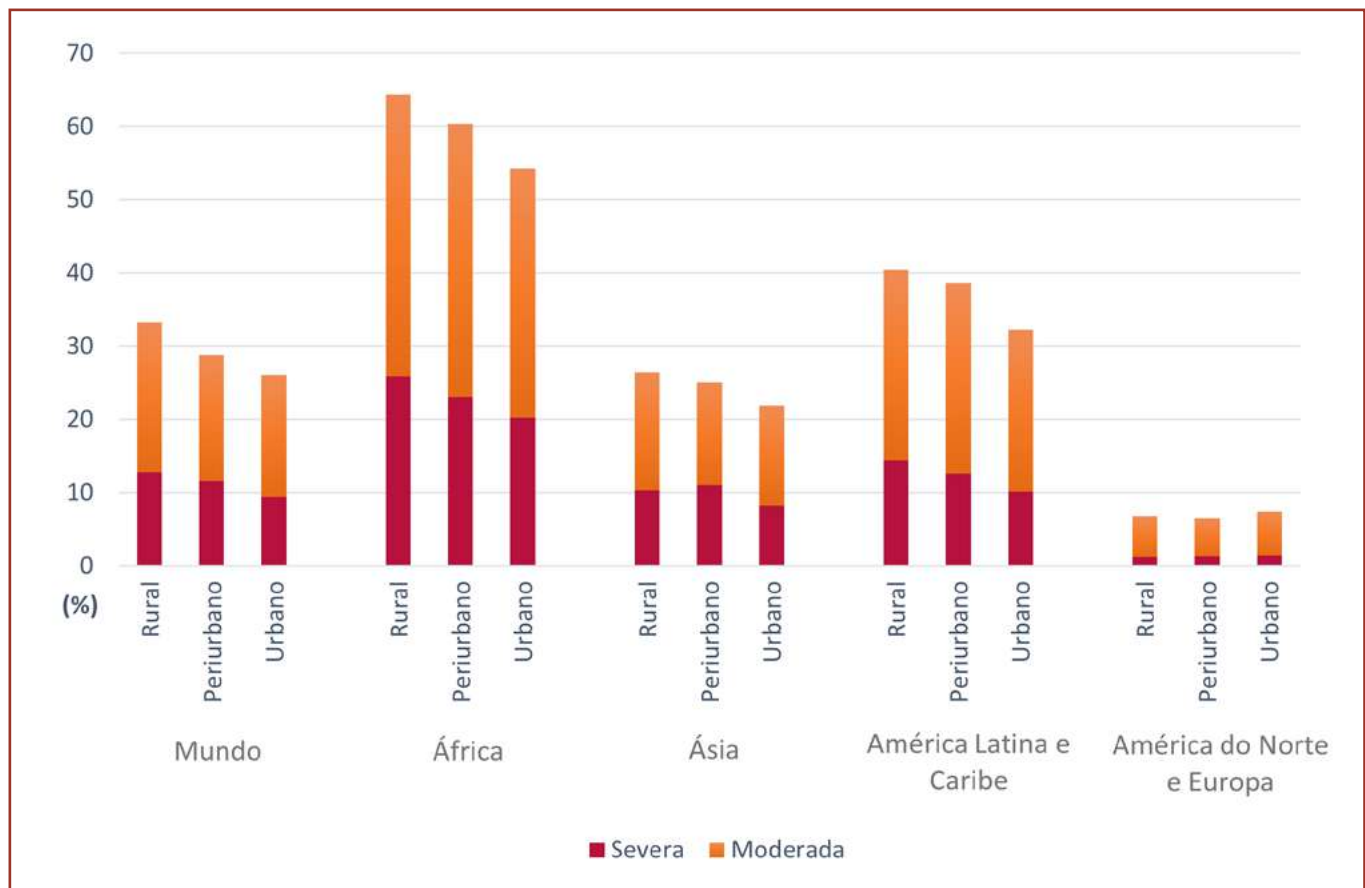


Gráfico 2. Insegurança alimentar mais elevada em áreas urbanas do que rurais. Fonte: elaboração própria com base em FAO (2023).

não podemos ignorar que a evolução da noção de cidadania nos países que se tornaram centrais no sistema internacional, normalmente carregada de duras lutas políticas, também constitui as estruturas que tornam aquelas populações menos vulneráveis à fome. Não que a possibilidade da fome tenha sido eliminada como princípio profundo de organização social, afinal, ela está na raiz das sociedades capitalistas (Ribeiro Junior, 2021). O fato concreto, no entanto, é que a exposição à fome e ao risco de fome é, normalmente, muito menor para as pessoas que habitam os países centrais.

Entretanto, o que o estudo da FAO faz é expor, em números comparáveis, que América do Norte e Europa – que são grande parte daquilo que se chama de Ocidente – estão mais bem preparados para enfrentar uma crise – aí sim! – de proporções globais como foi a pandemia de Covid-19. Não que esta porção do mundo não tenha sofrido de diversas formas com a emergência sanitária. De fato, houve intensificação das dificuldades alimentares também nos países daquela região, motivando, inclusive, a convocação da Conferência da Casa Branca sobre Fome, Nutrição e Saúde, em setembro de 2022. Para se ter uma ideia da gravidade do problema, esta é apenas a segunda conferência do tipo na História dos Estados Unidos, a primeira tendo ocorrido em 1969. Entretanto, em que se pesem as dificuldades nos países desenvolvidos, parece ser muito mais forte a intensidade dos processos de fome nos países das outras regiões.

Para além das macrodesigualdades regionais apontadas, é interessante destacarmos mais dois pontos. Primeiro, à medida que o mundo se urbaniza, a demanda e o fornecimento de alimentos estão mudando rapidamente ao longo do contínuo rural-periurbano-urbano. Enquanto a disseminação de alimentos processados, incluindo os altamente processados, já está avançada na Ásia e na América Latina, ela também está se espalhando rapidamente na África. Ali, o consumo de alimentos altamente processados é mais elevado em áreas urbanas, no entanto, os resultados do relatório SOFI da FAO mostram a penetração gradual desses alimentos em áreas rurais, inclusive em áreas rurais remotas. Ademais, o consumo de legumes e verduras, frutas, gorduras e óleos está se tornando mais uniforme ao longo do referido contínuo (FAO, 2023).

Contudo, deve-se destacar que, na média mundial, 33,3% da população rural vive em insegurança alimentar frente a 28,8% das pessoas em áreas periurbanas e 26% das zonas urbanas (ver figura). Isto é, no globo, há mais fome nas zonas rurais do que nas urbanas. Mas, quando descemos ao nível das regiões, vemos que na América do Norte e Europa a relação é inversa: 6,8% da população rural vive em insegurança alimentar, frente a 6,5% da população periurbana e 7,5% da urbana. Em suma, as pessoas que moram no campo, onde geralmente os alimentos são produzidos, são as mais famintas em todas as regiões do globo, com exceção dos países da América do Norte e Europa.

O segundo ponto é que em todo o mundo a insegurança alimentar afeta de forma desproporcional as mulheres. Aqui, cabe salientar que o corte de gênero não evidencia diferenças entre a América do Norte e Europa e as outras regiões, ou seja, as mulheres estão mais vulneráveis à fome em qualquer parte do planeta.

Apesar de existirem diversas explicações para as desigualdades alimentares internacionais, geralmente é possível pensar que grandes e históricos vetores geopolíticos, econômicos e culturais – normalmente entrelaçados – são fundamentais para entendermos a produção diferenciada da fome nas diversas partes do globo. Colonialismo, racismo e machismo, no contexto do processo capitalista, são variáveis de peso nessa equação e que são carregados através dos tempos (Góes, Faustino, 2022). Para piorar, vivemos em um contexto internacional

repleto de incertezas e tensões que podem tornar as crises alimentares muito mais frequentes e em prejuízo cada vez maior dos países periféricos (Clapp, Moseley, 2020). Neste cenário, por exemplo, governos têm recorrido mais frequentemente às restrições na exportação de alimentos, seja para evitar o desabastecimento interno ou para conter a inflação de alimentos. Foi justamente o que ocorreu durante a pandemia (Ver Dias, Amorim, Barbosa, Lima, 2021)². Ocorre que os países de menor desenvolvimento relativo são aqueles mais dependentes da importação de alimentos básicos.

E, ao contrário do que muitos pensam, a América do Norte e a Europa, assim como as grandes potências Rússia e China, são altamente autossuficientes em alimentos. Não raro, o problema comum para os países do Ocidente é o excesso de produção agrícola e a conseqüente baixa dos preços aos produtores, e não o risco de desabastecimento por um eventual corte de fornecimento de alimentos dos países em desenvolvimento. Os abalos agroalimentares causados pela guerra na Ucrânia, por exemplo, não ameaçam a União Europeia de carestia, ainda que contribuam para aumento da inflação de alimentos que acomete as pessoas mais pobres do bloco. Entre estes, devemos salientar, estão os refugiados, imigrantes ilegais e trabalhadores e trabalhadoras braçais, que normalmente não são pessoas brancas.

Em suma, quando observamos a fome no mundo por uma perspectiva internacional, identificamos importantes disparidades que correspondem à hierarquia de poder das relações internacionais, hierarquia esta que vem sendo construída há séculos e da qual poucos países periféricos conseguem escapar. É neste sentido que, para o Brasil, torna-se interessante analisar criticamente a forma como a Rússia e a China vêm superando a fome, especialmente no que toca à autossuficiência (Lima, Dias, 2018; Escher, 2022). Ademais, precisamos resgatar as políticas que contribuíram para a nossa saída do Mapa da Fome da FAO, bem como renovar e aprofundar políticas de soberania e segurança alimentar e nutricional.

Referências

CLAPP, Jennifer; MOSELEY, William G. This food crisis is different: COVID-19 and the fragility of the neoliberal food security order. **The Journal of Peasant Studies**, v. 48, n. 4, p. 747–759, 2020. DOI: 10.1080/03066150.2020.1823838. Acesso em: 11 nov. 2020.

ESCHER, F. A economia política do desenvolvimento rural na China: Da questão agrária à questão agroalimentar. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 26, p. 1-26, 2022.

GÓES, W. L.; FAUSTINO, D. M. Capitalism and Racism in the Longue Durée: An Analysis of Their Reflexive Determinations. **Agrarian South: Journal of Political Economy**, v. 11, n. 1, p. 62-84, 2022.

LIMA, T.; DIAS, A. Segurança alimentar russa: estratégia de autonomia para uma estrutura internacional de incertezas. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, v. 5, n. 1, 2018. DOI: 10.26792/rbed.v5n1.2018.75064.

RIBEIRO JÚNIOR, José Raimundo Sousa. A fome como processo e a reprodução social capitalista. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 1, p. 15-39, 2021.



2. DIAS, Atos et al. COVID-19 e (in)segurança alimentar: os efeitos da pandemia na cadeia mundial de suprimento de alimentos. Carta Internacional. <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/1151>.